

## REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE RISCOS À SAÚDE DOS TRABALHADORES RURAIS EM SUAS FALAS<sup>1</sup>

Sartorato, Calissa Rosa – [kalrosa@yahoo.com.br](mailto:kalrosa@yahoo.com.br)

### RESUMO

Levantou-se a realidade sentida/percebida, sobre os riscos da aplicação de agrotóxicos nas lavouras de subsistência e de comercialização, por parte dos trabalhadores rurais assentados. Foram escolhidos dois assentamentos: Assentamento Casas Altas, localizado, no Km. 49, em Seropédica, e o Assentamento São José da Boa Morte, localizado no km 17,5 da Rodovia Rio-Friburgo, 3<sup>a</sup> Distrito de Cachoeiras de Macacu, no Estado do Rio de Janeiro.

A caracterização dos assentamentos reflete-se nas semelhanças e nas dessemelhanças existentes no processo produtivo e nas "visões de mundo" dos trabalhadores que produzem com agrotóxicos, (em São José), daqueles que produzem sem agrotóxicos, (Casas Altas). A investigação qualitativa realizada, através das falas dos lavradores, em entrevistas abertas, credencia-se a afirmar que os pequenos produtores do Mutirão Eldorado, do Assentamento Casas Altas, possuem mais conhecimento sobre os riscos inerentes aos agrotóxicos e os "problemas" que causam à vida animal e vegetal dos ecossistemas, inclusive à saúde do trabalhador rural. Já em São José da Boa Morte, os produtores referem-se a "tomar banho de agrotóxicos" em seu ambiente de trabalho, utilizando-se intensamente destas substâncias químicas.

**PALAVRAS- CHAVE:** Agrotóxicos/ Assentamentos Rurais/ Saúde do Trabalhador/  
Representação Social/ Agricultura.

### INTRODUÇÃO

Os trabalhadores rurais sem terra que migraram para o Rio de Janeiro, a partir dos anos 60, são os principais atores/ sujeitos da ação e reação aos fatos sociais vivenciados por eles durante toda a sua trajetória de vida e trabalho.

Trata-se de pequenos produtores, famílias de origem camponesa que trabalhavam o roçado com o saber que lhes era passado, de geração a geração, dentro da lógica da sobrevivência e sem visar o lucro, esses trabalhadores se viram premidos no seu modus vivendi a se integrar a uma nova concepção de modelo de agricultura imposto- a Revolução Verde.

---

<sup>1</sup> Centro de Estudos de Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana – Escola Nacional de Saúde Pública/  
FIOCRUZ,  
End. do Autor: Av. das Américas, 411/403 BI 02 Rio de Janeiro, RJ, CEP 22631-000

Foi utilizado o método qualitativo que aborda as representações sociais que os trabalhadores fazem, através de análise dos conteúdos de subjetividade, calcado nos significados e significâncias de toda simbologia representados no mundo social.

Então, a escolha do método deverá recair sobre esses pressupostos cujos conteúdos apresentam na sua significância, abordagens de cunho ideológico, de senso comum e de saberes populares revestidos da linguagem falada, das expressões comportamentais que a acompanham, trazendo à luz, por meio de seu modo de ver, sentir, perceber, apreender e transformar a realidade, vivida num mundo coletivo, interagindo com seus pares, com o poder dominante, a partir de uma perspectiva de estrutura social vivenciada.

As concepções vivenciadas, expressas no interior de cada indivíduo, podem se modificar com o passar dos tempos. Isto significa que, a partir das interações no meio social emergente e a sua interseção num mundo social maior, em que se divisam seres diferentes, socialmente falando, todo aquele conteúdo se elabora, se subtrai, se acrescenta, muda até de figura. Além desses aspectos, esse mundo do imaginário individual absorve as experiências que, cotidianamente, os seres passam: novas conformações de um objeto, de uma situação qualquer, das ações sentidas e percebidas do outro. Portanto, esse mundo interior, plástico, vive e revive experiências constantemente, produzindo conhecimento. Esse conhecimento, que pertence a um determinado indivíduo, se insere em um determinado grupo social. As relações que se manifestam desse grupo social representam o sentimento de "senso comum" observado. Então, há de se perceber que, durante toda a trajetória de vida, determinado grupo social age, interage e produz conhecimento.

## **DESENVOLVIMENTO**

Foram entrevistados lavradores em dois assentamentos rurais do Estado do Rio de Janeiro: Casas Altas e São José da Boa Morte. No primeiro assentamento, 70% partiram para trabalhar organicamente; já em S. José, 100% dos entrevistados assumiram-se consumidores de agrotóxicos de média e alta toxicidades. Em Casas Altas, foram entrevistados 18 pequenos produtores, sendo 83% do sexo masculino, cuja faixa etária variou entre 35 a 69 anos de idade. A média do tempo de migração observada foi de 32 anos, coincidindo com o início dos anos 60. A maior parte desses lavradores migrou

do Espírito Santo, outros do nordeste, Minas Gerais e três filhos de migrantes. Todos ocuparam a terra em 1991 e já possuíam o título da terra.

Em S. José, foram entrevistados 14 lavradores e três lideranças. A maioria constituída de homens, cujas idades variavam de 26 a 60 anos. Neste assentamento, a média de migração variou de 30 a 40 anos. A maioria era oriunda de outros municípios do Estado do Rio, 6 do Espírito Santo e 2 de Cachoeiras de Macacu. Os trabalhadores dos dois assentamentos apresentaram história de filhos de lavradores cuja ascendência referia-se a duas gerações, pelo menos, de vida e trabalho no campo. Grande parte dos lavradores passaram a cultivar com agrotóxicos quando trabalharam de "meia" para fazendeiros no Rio.

Além da entrevista individual, os lavradores preencheram um questionário sobre a sua situação de vida / trabalho e migração, após uma apresentação formal da técnica da saúde sobre a importância do trabalho a ser desenvolvido na área.

Recolhidas as falas dos trabalhadores, tentou-se num segundo momento, realizar um encontro do grupo objetivando aprofundar o discurso coletivo sobre o uso de tecnologias químicas nas lavouras e a saúde dos trabalhadores.

A origem dos assentados e suas visões de mundo caracterizaram os lavradores em sua trajetória de vida e trabalho, " *tendo de deixar a família para trás, com a única roupa no corpo*", na esperança de encontrar um "paraíso"... Um outro produtor, analfabeto até os 20 anos de idade, levava "surra" do dono da terra, apesar de contar com o pai que trabalhava também na roça e jamais teria visto "a cor do dinheiro". Seu pai "ficava sempre devendo ao fazendeiro". A vinda para a cidade grande fora, para outro trabalhador, "como o fim da minha vida". Dizia-se que aqui "era melhor para se ganhar dinheiro". Passado o tempo, ele relatou que "talvez se a gente não tivesse saído de lá, não estaríamos como estamos hoje"... Todos [da família] tiveram fracasso. Só eu consegui ficar na terra".

Observam-se nos relatos seguintes que o "senso comum" foi o de rejeição às substâncias químicas, em conformidade com os princípios trazidos lá da roça. Diz que "nunca experimentou agrotóxicos" porque não gosta. "Vi um rapaz quase morrer. Se depender de trabalhar com agrotóxicos, eu não quero". Uma outra visão sobre o uso da terra pelo homem. "Não temos informações completas sobre o enfraquecimento da terra".

Em Casas Altas, foram identificados cerca de 44% (8) dos lavradores migrantes preferiam utilizar tecnologias alternativas em suas culturas, enquanto que 56%

experimentaram agrotóxicos, em algum momento, sendo 40% desses já tinham sido intoxicados. ...*"vi todo mundo usar, [então], eu falei, vou usar também; senão, todo mundo colhe e eu não colho". "Usava agrotóxicos para aumentar a produção; [entretanto], chegamos à conclusão de que não era viável".* ( Reconhecimento do Risco).

[Entregando-se os resultados] *a cada um, [o técnico] disse que tem que se tratar, porque tem um pouquinho [de contaminação] no sangue, mas aquele que não tinha quase nada, era muita sorte, era eu".* (Relativização do Risco)

Após o segundo evento de intoxicação, é que ele referencia assim: *"da minha parte, [ a saúde do trabalhador] era para ser melhor [trabalhando-se] sem agrotóxicos; mas aquele que estiver trabalhando agora [com outras tecnologias] e estiver com a saúde bombardeada, ele já está [contaminado] há muito tempo, às vezes, sem saber que está contaminado".* ( Relativização da tecnologia)

Outros grupos de lavradores se manifestaram sobre os conhecimentos dos riscos para a saúde humana e ambiental, e informação sobre as tecnologias químicas relatadas em suas falas.

Em S. José, os representantes dos pequenos produtores, assim retrataram a realidade enfrentada nas relações interinstitucionais. *"A área rural foi a mais discriminada e ainda é, até hoje". "Nós, hoje, conhecemos nossos direitos de cidadão e estamos requerendo[os]". Eles tem que entender que o perfil do homem do campo não é mais aquele[o que eles pensam]".*

Sobre a utilização de agrotóxicos nas lavouras: *"... sempre usou agrotóxicos na lavoura". Hoje trabalhar sem agrotóxicos é quase que impossível [ porque] os produtos produzidos, por controle biológico, é de qualidade inferior".*

A identificação dos riscos no uso dessas tecnologias químicas pode passar despercebida, embora eles reconheçam que se tratam de "substâncias perigosas para a saúde". Às vezes, eles associam a uma dor-de-cabeça "braba", ou a um mal-estar generalizado. No entanto, treze produtores demonstraram desconhecer outras técnicas de produção: *"se tiver alguém para ensinar pra gente, seria uma boa".* Os riscos inerentes à utilização de agrotóxicos são evidentes. A técnica de utilização é falha ou inexistente, e a maioria daqueles trabalhadores entrevistados não soube informar se já tinha sido intoxicado; muito embora fossem relatados os sinais e sintomas semelhantes àqueles presentes em intoxicação aguda.

## Resumos do I Congresso Brasileiro de Agroecologia

A questão da comercialização tornou-se um ponto chave nas falas dos trabalhadores dos dois assentamentos. "A coisa é difícil".

### CONCLUSÕES

A urgência de se realizar esse trabalho em coletividades rurais sobre o uso de agrotóxicos, deve ser incentivado para prevenir os envenenamentos e tentar-se resgatar da memória universal, as técnicas conservacionistas aplicadas à agricultura combinando-se a outros modos de se trabalhar o solo, a natureza, sem que sejam preciso degradar a vida humana e a ambiental presentes no planeta.

Ressaltam-se, ainda, o papel que devem desempenhar as Organizações Não- Governamentais, no caso dos agrotóxicos, e outras entidades e instâncias governamentais aliadas à sociedade civil organizada, contribuindo, desta feita, para prevenir e promover a saúde dos trabalhadores rurais.

A representação que se faz dessa realidade não pode ser diferente daquela que os trabalhadores rurais, pequenos produtores expuseram em suas falas.

### LITERATURA CITADA

BULL, D. & HATHAWAY, D. *Pragas e Venenos: agrotóxicos no Brasil e no Terceiro Mundo*. Petrópolis: Fase/ Vozes, 1986.

FAO/IBASE. *Reforma Agrária: Produção, Emprego e Renda*. O Relatório da FAO em debate. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

GUARESCHI, P. & JOVCHELOVITCH, S. (org). *Textos em Representações Sociais*. 2ed, Petrópolis: Vozes, 1995.

MINAYO, M. C. S. *O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 3ed, Rio de Janeiro: Hucitec/Abrasco, 1994.

O'DOWYER, E. C., (org). *Conflitos de Terra no Estado do Rio de Janeiro*. Relatório dos Assentamentos. Rio de Janeiro: SEAF/FETAG, 1990.

PIMENTEL, D. *Green revolution agriculture and chemical hazards*. Paper for the working group on chemical hazards in developing countries. In: Pontifical Academy of Sciences, USA, 1993.

PINHEIRO, S., NASR, N. Y., LUZ, D. *A Agricultura Ecológica e a Máfia dos Agrotóxicos no Brasil*. Porto Alegre: Edição dos Autores, 1993